

Relatos de Experiência: as contribuições da disciplina obrigatória Teorias e Metodologia da Pesquisa Científica em História da Arte para o projeto de pesquisa: “O conceito da natureza na arte contemporânea através do exemplo de Brígida Baltar”

Experience reports : The contributions required course Theories and Methodology of Scientific Research in Art History for the research project: “The concept of nature in contemporary art through the example of Brígida Baltar”

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque¹

Resumo

Seguindo as orientações sobre metodologia e tendo em vista o melhor aproveitamento das disciplinas obrigatórias e eletivas ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo- Campus Guarulhos (UNIFESP), os alunos foram motivados pela professora Virgínia Gil a elaborar um texto expositivo sobre seus métodos e procedimentos científico, se baseando no referencial teórico da disciplina obrigatória: *Teorias e Metodologia da Pesquisa Científica em História da Arte*. Esse artigo em forma de Relato de Experiências busca analisar e discutir como a proposta de tal disciplina ajudou na compreensão, adequação e (re)formulação do projeto de pesquisa: *O conceito da natureza na arte contemporânea através do exemplo de Brígida Baltar*.

Palavras-Chave: T: Aproveitamento, Disciplinas, Projeto.

Abstract

By following the guidance on methodology and considering the best use of compulsory and elective courses offered by the Graduate Program in the History of the Federal University of São Paulo-Art Campus Guarulhos (UNIFESP), students were motivated by Professor Virginia Gil prepare an essay about their methods and scientific procedures, based on the theoretical framework of the required course: theory and Methodology of Scientific Research in Art History. This article shaped Experience Report seeks to analyze and discuss how the proposal of such discipline helped in understanding, adaptation and (re) formulation of the research project: The concept of nature in contemporary art through the example of Brígida Baltar.

Keywords: Harnessing, Disciplines, Project.

ISSN: 1808-3129

¹ Mestrando em História da Arte pelo PPGHA- UNIFESP Campus Guarulhos, Especialista em Comunicação Social pelo Curso de Especialização Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática, em nível de Pós-Graduação Lato Sensu, do SEPAC em convênio com a PUCSP-COGAE; Licenciado em Educação Artística pelo CEUNSP- Itu. Professor de Educação Básica II- Arte, pela Secretária da Educação do Estado de São Paulo.
UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo Campus Guarulhos/aluno de mestrado acadêmico
fellipe.eloy@gmail.com

INTRODUÇÃO

O reconhecido professor Antônio Joaquim Severino orienta em seu célebre livro: *Metodologia do Trabalho Científico* (2007) que nós, alunos do ensino superior estejamos atentos à prática da documentação das aulas. Aproveitando assim no máximo o conteúdo discutido sob o intermédio do professor, além, de não se esquecer de registrar os elementos complementares do material básico, que provavelmente requer pesquisa posterior fora do âmbito escolar. Segundo Severino, "*muitos dos esclarecimentos só se encontram através desses estudos extraclases.*" O melhor modo indicado pelo autor é o registro de "*palavras e expressões que traduzam conteúdos conceituais*" (SEVERINO, 2007, p. 45-46) e não apenas a anotação desenfreada de palavra por palavra dita pelo professor, pois o que realmente importa são as ideias principais.

Foi pensando nisto e tendo em vista o melhor aproveitamento das disciplinas obrigatórias e eletivas ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo- Campus Guarulhos (UNIFESP), que os estudantes foram motivados pela Prof. Dr. Virgínia Gil a elaborar um texto expositivo sobre seus métodos e procedimentos científicos, se baseando no referencial teórico da disciplina obrigatória: *Teorias e Metodologia da Pesquisa Científica em História da Arte*.

A bibliografia em questão trás os nomes dos seguintes autores e livros: Hans Belting e o Fim da História da Arte (2006), Anne Cauquelin, com *Teorias da Arte* (2005) e Hal Foster, com um dos seus mais recentes trabalhos, *O retorno do real* (2014). Cada um desses com suas peculiaridades e contribuições específicas para cada estudante.

A proposta em si, era que a partir das contribuições de cada um destes autores, os estudantes introduzissem em seus projetos de pesquisa originais, parcial ou plenamente a melhor teoria e metodologia para dar continuidade aos passos da elaboração de suas dissertações. De modo geral reconhecemos facilmente algumas das principais contribuições de cada autor, pensando principalmente no título de seus trabalhos.

Na obra de Hans Belting há uma metodologia inovadora: escrever com teoria, ou produção de ensaios. Nessa abordagem de pesquisa se espera que o autor do texto que além de se fundamentar teoricamente em aparatos tradicionais de pesquisa, dialogue com outras disciplinas e construa junto ao desdobramento do texto novas formulações de hipóteses e conclusões. Essa mesma metodologia é denominada por Anne Cauquelin (2005, p. 130) como "*Práticas Teorizadas*" ou de "*Teorizações Práticas*".

Cauquelin contribuiu com seu texto, principalmente ao unir definições e exemplificações de conceitos diversos, importantes não só à disciplina da História da Arte, mas para todas as outras relacionadas à grande área das Ciências Humanas e Sociais. O livro é dividido em duas partes, com capítulos direcionados para cada importante conceito teórico relacionado a teorias da arte. Foi solicitada uma análise aprofundada aos mestrados para a segunda parte: *Teorias de acompanhamento* e o *Capítulo I- As teorizações secundárias*, para entender a descrição da hermenêutica, conceito fundamental para se "entender como se entende", ou seja, ajudar o estudante a pensar sobre como o pensamento está sendo exposto no seu texto.

No caso de Hal Foster a discussão é mais específica, o autor aborda em seus dois últimos capítulos¹ questões referentes ao papel do artista contemporâneo e a

¹ Apenas esses dois capítulos foram indicados às aulas, mas o livro todo foi recomendado para leitura complementar.

situação da arte pós-1990. Em "*O artista como etnógrafo*" (p. ?-?), Foster se baseia no texto de Walter Benjamin: *O autor como produtor* (1934), focando na questão da importância da pesquisa para a produção artística na atualidade e na responsabilidade social do artista como produtor de sua própria tecnologia. Dessa discussão chegamos à figura do artista como instituição. No capítulo posterior, Foster busca abrir caminho para uma nova discussão sobre o termo pós-modernismo, mais precisamente à arte pós-moderna em si, com isso ele questiona as definições de pós-moderno de Jean-Françoise Lyotard e Fredric Jameson, respectivamente um conceito que dava fim às grandes narrativas e outro que promovia renovação da narrativa marxista. Foster (2014, p. 187) acredita não apenas na crescente contestação do *pós-modernismo* pela esquerda, mas também no esvaziamento do conceito pela mídia.

O projeto de pesquisa: "O conceito da natureza na arte contemporânea através do exemplo de Brígida Baltar."²

O projeto "*O conceito da natureza na arte contemporânea através do exemplo de Brígida Baltar*" tentou inicialmente refletir sobre aspectos da natureza presentes na vida e obra de Brígida Baltar, mais precisamente nas suas experimentações com os vapores intangíveis e efêmeros: *orvalho*, *maresia* e *neblina*. Suas experimentações foram registradas em vídeos curtos e ensaios fotográficos, legitimando a alcunha de artista multimídia.



Figura 1: Brígida Baltar: A coleta do orvalho, 2002 foto-ação 40 x 60 cm (cada). Fonte: MAM-SP.

O crescimento e a multiplicação de temas marginais e/ou não tradicionais na arte contemporânea contribuíram para que temáticas que fazem menção ao princípio da civilização, como nesse caso: onde o ser humano interage com a natureza. Questões sobre conservação, recuperação e manutenção de áreas degradadas pela ação humana, vem chamando atenção dos artistas e intelectuais de todas as áreas do conhecimento. Recentemente entidades e grupos de pesquisa vêm alertando sobre um futuro próximo, cheio de catástrofes naturais e climáticas potencializadas graças à intervenção humana na paisagem natural.

Pensando nos aspectos provocativos que vida e obra da artista evidenciam, pretendemos analisar o conceito de natureza para as produções artística contemporâneas. Por conta disso tomamos o exemplo do Projeto Umidades, onde Baltar dedicou

2 Parte desse trecho do texto encontra-se na INTRODUÇÃO do projeto de pesquisa do autor desse texto.

cerca de dez anos para coletar umidades e construir uma poética sobre a relação entre ser humano e natureza. A artista fez parte de uma geração (1990) que se preocupava com temáticas para além daquelas emergentes no pós-modernismo, tais como as Artes Construtoras (ARAÚJO, 2003), a abstração pós-histórica (WANNER, 2010, p. 175) e as tecnologias digitais.

Tudo indica que Brígida Baltar tenha perambulado entre o terreno da Arte Construtora e das mídias digitais, mas sem deixar de lado a preocupação com a natureza e ambientação do contexto a qual esteve inserida. Em seu portfólio organizado e mantido pela Galeria Nara Roesler, confirma-se o fato de sua transitoriedade entre essas áreas, no seguinte trecho de sua biografia:

Começou a desenvolver sua obra na década de 1990 por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê localizada em Botafogo, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, a artista colecionou materiais da vida doméstica, como a água de goteiras escorrendo de pequenas rachaduras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. Em “Abrigo” (1996), a artista esculpiu sua própria silhueta em uma parede de sua casa e, ao entrar nesse casulo, transformou a situação em uma intersecção simbiótica, tornando-se parte inextricável da casa na qual habitava. (GALERIA NARA ROESLER, s/d, p. 02).

Existem também referências de exposições recentes da artista, na qual se percebe a vontade dela em fazer parcerias e interlocuções com outros artistas e exposições, conjuntas e/ou complementares, que sigam ou não um mesmo tema. Em 2012, ela e João Mondé, buscaram inspiração num mesmo lugar, as Cavalariças do Parque Lage, para criar exposições bem diferentes, mas com propósitos parecidos. Em “*O amor do pássaro rebelde*”, de Brígida Baltar e “*Para o silêncio das plantas*”, de João Mondé. Brígida optou por trabalhar a afetividade do lugar, enquanto João Mondé aproveitou da arquitetura para arremeter a ideia de abrigo que se prolonga pelo ambiente externo. Brígida relata em entrevista sobre essa exposição (PORTFÓLIO, 2013), que essa não foi um projeto pensado de maneira independente, mas em continuidade a outra exposição, que também ficou em cartaz em 2012, “*Voar*”, na Galeria Nara Roesler e essa propositalmente mostrava “*obras que dão continuidade à pesquisa que iniciou e desenvolveu para a mostra individual no Oi Futuro, no Rio de Janeiro, em julho de 2011, com trabalhos que sugerem suspensões, quedas e vertigens explorando a teatralidade.*” (GALERIA NARA ROESLER, 2012).

O problema da arte contemporânea

Nesse aspecto Brígida Baltar, embora esteja caminhando para temas conceituais e subNesse aspecto Brígida Baltar, embora esteja caminhando para temas conceituais e subjetivos através da produção com ferramentas multimídias³, não deixa de abordar em suas obras um conceito de natureza. É esse conceito que será abordado como problemática da minha dissertação, às vezes sendo diacronicamente comparado ao contexto de outra época artística, que também tenham dado destaque a natureza: o Período Romântico.

3 Inclusive, a artista é classificada por muitos especialistas e sites de pesquisa, com uma artista multimídia.

O Romantismo foi um período de tensão teórica envolvendo a natureza e o homem. Seus princípios ideológicos foram moldados graças a diversas contribuições filosóficas de pensadores, tais como Immanuel Kant, Friedrich Schlegel e Georg F. Hegel. Por sinal, esse último autor é constantemente revisitado pelos nossos referenciais contemporâneos, sobretudo por conta de seus textos sobre o fim da arte. Segundo alguns autores recomendados na bibliografia do Programa, a ideia de um fim da arte e de um renascer da arte é o fundamento da arte contemporânea.

A arte contemporânea- na qual a artista Brígida Baltar e o conceito de natureza estão inseridos- não tem uma definição consensual entre os grandes pensadores de nosso tempo. Parece ser parcialmente decifrável, ou mesmo não-inteligível o que Julian Bell (2008, p. 451) explica bem ao dizer que tudo aquilo “*que está perto demais embaça a visão*”, ainda mais quando “*tudo aqui está em plena atividade.*”

A dificuldade de compreender pode ser justificada por essa consideração de Bell, mas tem algo ainda mais complexo por trás na arte contemporânea. Segundo Arthur Danto, o problema da interpretação da arte contemporânea não se encontra apenas na proximidade e no movimento dela, mas em sua narrativa. O autor estadunidense enfatiza a morte da arte como a morte de uma narrativa mestra que a todos englobava e os levavam a encontrar o seu lugar definitivo, para ele a arte que está sendo feita caminha para além da história. Uma arte *pós-histórica*, por conta disso uma arte não explicável por meios tradicionais.

Hans Belting é outro autor que se preocupa com essas questões levantadas por Danto. A versão mais esclarecedora que Belting nos arremete é a ideia de epílogos (BELTING, 2012, p. 26). As artes que estão sendo feitas hoje, são enunciados de uma prática que caminha para emancipação, uma arte do futuro que tem se manifestado já no presente. E esse é um aspecto importante que devemos considerar quando nos referirmos à conceituação de natureza na obra de Brígida Baltar. É preciso encarar que a natureza como tema esteve junto à História da Arte desde a invenção da perspectiva no Renascimento, mas que o que vemos hoje é uma nova perspectiva, carregada de anseios e entrecruzamentos teóricos e técnicos que possibilitam por meio de artifícios digitais e percepções novas de paisagens (natureza).

A ligação entre disciplina e projeto

Ao pensarmos em um elo que una o projeto de pesquisa: “*O conceito da natureza na arte contemporânea através do exemplo de Brígida Baltar*” com a disciplina obrigatória: Teorias e Metodologia da Pesquisa Científica em História da Arte somos impelidos a considerarmos muitas questões levantadas em aula, sendo uma dessas em especial a afirmativa de que o **Método Analítico** é o ponto de partida para todos os projetos. O que nos obriga como pesquisadores contemporâneos pensar na responsabilidade do olhar sobre a obra, se realmente o espectador elabora seu próprio discurso sobre a obra. Tendo como premissa a seguinte pergunta: - Hoje qual é a função do público? Como o público aproveita a arte? Para entender, o público tem que ser qualificado, exige-se uma postura mais reflexiva diante da obra de arte?

Assim, quando nos referirmos à Brígida Baltar e sua obra, primeiro devemos pensar no contexto social do seu público, elevando ao mesmo nível de sensibilidade qualquer um dentre esses espectadores- possivelmente emancipados como sugere Jaques Rancière (2012)-, porém, deixando de lado àqueles carregados de uma subjetividade estética inerente à experiência de contemplação de obras da arte contemporânea.

O contexto histórico que devemos considerar diz respeito exclusivamente ao público culturalmente elitizado⁴ que realmente assume o gosto pela arte multimídia contemporânea. E esse fator trás outras questões levantadas pela disciplina: Dentre as Teorias não há uma Teoria que seja melhor do que outra, mas que dependendo do objeto, uma se adéqua melhor que as demais. E mesmo assim, uma só teoria não é suficiente e/ou capaz de cuidar dos assuntos contemporâneos, é preciso aproveitar as colaborações/ contribuições que as pesquisas sobre outras Teorias e Metodologias trazem.

Pensando nesses termos, mesmo que a Metodologia Analítica dos Estudos Culturais seja útil para o projeto de pesquisa: "*O conceito da natureza na arte contemporânea através do exemplo de Brígida Baltar*" necessitamos tecer de cruzamentos teóricos e metodológicos com disciplinas consagradas ou não, compatíveis ou incompatíveis⁵, tais como a Semiótica e a Comunicação Social, também com as Artes Cênicas, Filosofia, e o Artesanato. Destacamos essas últimas disciplinas por conta da obra de Baltar, que não se limitar apenas ao Projeto Umidades, mas por ser formada com várias séries de Performances e construções manuais de objetos e lugares, como por exemplo, as obras *Casa de Abelha* e *Abrigo*.



Figura 2: Brígida Baltar: Casa de abelha, 2002 foto-ação 25 x 36 cm (cada). Fonte: Nara Roesler.



Figura 3: Brígida Baltar: Abrigo, 1996. foto-ação 60 x 40 cm (cada). Fonte: Nara Roesler

4 Esse público que não tem relação alguma com questões econômicas, mas que já está educado para manter uma postura reflexiva diante da obra de arte.

5 O que só o desenvolvimento do projeto poderá comprovar.

A maioria das obras da artista envolve o tema natureza, mas o *Projeto Umidades*, talvez aborde a parte mais emblemática da natureza, a efemeridade. Para algumas dessas obras a forma de registro é derivada da tecnologia digital, chegamos até as Teorias da Comunicação e conseqüentemente a Semiótica, afinal, para essas disciplinas o uso das tecnologias exigem uma determinada leitura.

No livro *O fim da arte* (2013) de Hans Belting (2013) há um capítulo exclusivo para entender esse tipo de leitura. Em "*O tempo na arte multimídia e o tempo da história*" (p. 147-172) o autor discute questões referentes ao tempo (História) da e a complexa noção do tempo na arte multimídia. Segundo o texto o início da arte multimídia pode ser identificado como uma invenção dos anos 1960, mas há muita dificuldade em narrar uma história da arte multimídia que não se confunda com a dos avanços tecnológicos desencadeados desde então. Mesmo com toda dificuldade Belting consegue formular uma descrição capaz de ajudar aos leigos a entender as exigências de leitura dessa nova perspectiva artística, pois "*a análise do medium ocorre a partir do contraposição do corpo, que ainda promete uma noção de identidade. O médium não pode enfim executar nenhuma autorreflexão.*" O que o levou a crer que "*essa teoria prática das mídias apresenta-se como uma posição de vanguarda, pois ela trabalha com o médium para criticá-lo e mobilizá-lo contra o abuso.*" (Belting, 2013, p. 171).

Médium aqui é uma referencia ao termo latino que faz menção ao meio por quais as coisas acontecem, ou seja, corresponde a ideia de intermediário, mas pode ser usado sem nenhuma restrição para indicar os meios de comunicação contemporâneos.

Procedimentos e materiais⁶

Contudo, a metodologia sugerida como adequada constitui de uma sequência de procedimentos analíticos padronizados. Primeiro é necessário fazer o levantamento bibliográfico, de material virtual ou consultando pessoalmente bibliotecas, galerias e museu, onde seja possível entrar em contato com a obra da artista carioca. Para isso, já estão catalogadas duas instituições, a Biblioteca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde a artista mantém forte vínculo desde seus anos de formação e a Galeria Nara Roesler, representante nacional da artista, com sedes no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Consultando o sítio eletrônico da Galeria encontramos o portfólio da artista com cerca de 90 páginas, com textos e imagens sobre a carreira e vida da artista, além de uma espécie de Currículo Vitae contendo os dados da atividade artística de Brígida Baltar desde suas primeiras experiências em 1988. Após entrar em contato com a Biblioteca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, conseguimos uma lista de publicações que vão desde catálogos de exposições individuais a documentos diversos como folders e convites. A seguir está a lista como consta no correio eletrônico recebido:

⁶ Parte desse trecho também se encontra no Projeto de pesquisa do autor desse texto.

Livros e catálogos individuais

- 713 ARTE CONTEMPORÂNEO. *Brígida Baltar: entre paredes*. Buenos Aires, 2007. [8] p.
- BALTAR, Brígida. *Coletas: neblina maresia orvalho*. Rio de Janeiro, 2001. 108 p.
- BRÍGIDA Baltar: [brick works]. S.l.: s.n., 2006. [90] p.
- BRÍGIDA Baltar: Maria Farinha. S.l.: s.n., 2004. [80] p.
- CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE. *e agora toda terra é barro: um projeto* Brígida Baltar e Marcelo Campos. Cariri, 2008. 20 p.
- DOCTORS, Marcio (Org.). *Passagem secreta: Brígida Baltar*. Rio de Janeiro: Circuito, 2010. 205 p.
- INSTITUTO DE CULTURA BRASIL COLOMBIA. *Brígida Baltar: casa de abeja*. Bogotá, 2003. [15] p.
- MUSEU DE ARTE MODERNA ALOÍSIO MAGALHÃES. *Brígida Baltar: a coleta da maresia*. Exposição realizada entre 22 de maio e 31 de agosto de 2003. Recife, 2003. [15] p.
- OI FUTURO. *Brígida Baltar: o que é preciso para voar*. Textos de Marcelo Campos. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011. 120 p. (Arte e Tecnologia)

Livros e catálogos coletivos

- ANJOS, Moacir dos. A espessura da coleta. In: _____. *Crítica*. Rio de Janeiro: Automática, 2010. p. 39-41. (ARTE BRA)
- CAIXA CULTURAL. *Arte e música*. Rio de Janeiro, 2008.
- _____. *Sertão contemporâneo: Brígida Baltar, Efrain Almeida, José Rufino, Rosângela Rennó*. Rio de Janeiro, 2008. p. 10-48.
- CENTRO CULTURAL CASA DA RIBEIRA. *Natal Arte Contemporânea*. Natal: Corporativa, 2006. p. 31-35. (Série Artes Visuais)
- LOVE'S house: 13 artistas em curta temporada. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. p. 122-127; 188.
- LUDWIG MUSEUM. *Discover Brazil: 21 contemporary positions*. Koblenz, 2005. p. 18-23.
- MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Arte frágil: resistências*. Organização Lisbeth Rebollo Gonçalves e Jacques Leenhardt. São Paulo, 2009.
- PARASOL UNIT. *Unbound: installations by seven artists from Rio de Janeiro*. Curated by Ziba de Weck Ardan. London, 2004.

Publicações EAV

- BRÍGIDA Baltar. In: ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE. *Cadernos EAV 2012: Encontros com artistas*. Rio de Janeiro, 2014. p. 10-53.

Documentos diversos

- 1 folder, exposição "Brígida Baltar", Galeria Nara Roesler, São Paulo, 25 de maio a 30 de junho de 2007.
- 1 convite, exposição "Entre Paredes de Brígida Baltar", Galería 713 Arte Contemporâneo, Buenos Aires, 01 de novembro a 23 de dezembro de 2007.

Esse é o material que será consultado para a pesquisa sobre a prática artística de Brígida Baltar, levando em conta também um texto de Sylvia Werneck (2011) que estuda a obra da mesma artista ao lado de outros três, todos ligados por uma mesma

poética: a memória. Contudo, será necessária também a aplicação de outros procedimentos, como por exemplo, a visitação de exposição da artista, para anotações das percepções do observador e consulta dos dados estatísticos. Outra possibilidade plausível de consulta é a formulação de entrevista, que deve ser organizada com a própria artista e/ou pessoas próximas, tais como curadores, artistas parceiros e representantes de instituições ligadas à mesma.

O que não podemos esquecer é que conhecer a prática artística de Brígida não é o suficiente para relacionarmos sua produção com a arte contemporânea, e com isso identificar um conceito de natureza próprio para ambos, que poderá ou não ser oposta à ideia romântica de natureza. E nesse ponto muitas das contribuições da disciplina obrigatória: *Teorias e Metodologia da Pesquisa Científica em História da Arte* são retomadas, a premissa de que “*nada surge do nada*”, é uma delas, além da ideia de “*artista cientista, intelectual*”. São coisas desse tipo que colocam Brígida Baltar em outro patamar, o de artista multidisciplinar⁷: presente entre o limite da arte com outras disciplinas.

Considerações finais

Para continuar a pesquisa precisaremos analisar os diferentes conceitos de natureza presentes na Arte Contemporânea e suas manifestações. Maria Celeste de Almeida Wanner pode nos ajudar a fazer isso, em seu livro: *Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas* (2010), a autora trás importantes reflexões sobre diversos termos contemporâneos que envolvem a natureza como tema: *Landscape, Land Art* e *Earth Art*. Wanner também faz menção à outra autora importante para pensar a questão entre o humano, o natural e o artificial, Lúcia Santaella. Essa segunda autora fala sobre as artes do *pós-humano*, ou seja, das artes interativas que envolvem tanto o natural/orgânico quanto o artificial/sintético. No caso da Brígida Baltar, tanto a performance presencial com a neblina e as outras umidades quanto o registro fotográfico e audiovisual.

Em outra publicação Anne Cauquelin também se preocupa com as questões da natureza para com a produção artística atual. Em *A Invenção da Paisagem* (2007) Cauquelin tenta fazer uma reflexão filosófica sobre a noção contemporânea de paisagem idealizada como equivalente à natureza, sob o argumento de que essa noção influenciou cognitivamente e espacialmente o pensamento ocidental sobre as relações entre ser humano, natureza e tecnologia. Segundo ela a chamada “*invenção da paisagem*” é remetida ao século XIV com a aplicação da perspectiva na pintura. Para a autora é nesse momento que a natureza passa a ser tema indissociável da arte, porque além de tudo mais “*a paisagem não é uma metáfora para a natureza, uma forma de evocá-la; ela é de fato a natureza.*” (CAUQUELIN, 2007, p. 39).

Portanto, é assim que considerando muitas das possibilidades levantadas em aula, definimos uma linha teórica e metodológica para o projeto de pesquisa: “*O conceito da natureza na arte contemporânea através do exemplo de Brígida Baltar*”.

7 Ou como outros definem: artista multimídia

Começando pelos Estudos Culturais e o Método Analítico, tentando desvendar o contexto histórico e social que propiciou o espaço para obras do tipo da Brígida Baltar, que envolvam questões ambientais, afetos e temas da natureza. Caminhando na Fenomenologia e depois pela Hermenêutica em busca de fundamento para a proposta de problematização. Culminando com as Novas Narrativas de Hans Belting, abordando tudo o que está à margem, em formação no que diz respeito ao conceito de natureza proposto pela artista, evidenciando como é difícil a interpretação do processo de crítica ou teorização dessa tendência artística. O que poderá nos levar a uma conclusão definitiva sobre o conceito ou abrir caminho para uma nova teorização prática.

Assim este artigo não deve ser considerado uma introdução a dissertação que se encontra em fase de conclusão, mas um conjunto de reflexões teóricas e metodológicas sobre os processos iniciais de formulação de um pensamento sobre a pesquisa em Arte Contemporânea.

Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BELL, Julian. *Uma nova história da arte*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.
- BELTING, Hans. *O fim da história da arte- uma revisão dez anos depois*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. (Cosac Naify Portátil).
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea*. Mem Martins-Portugal: Publicações Europa-America, 2010.
- _____. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins-Martins Fontes, 2007.
- _____. *Teorias da arte*. São Paulo: Martins Fontes- selo Martins,
- DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- DOCTORS, Marcio (Org.). *Passagem secreta: Brígida Baltar*. Rio de Janeiro: Circuito, 2010.
- FOSTER, Hal. *O retorno do real: a vanguarda no final do século XX*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MUSEU DE ARTE MODERNA ALOÍSIO MAGALHÃES. *Brígida Baltar: a coleta da maresia*. Exposição realizada entre 22 de maio e 31 de agosto de 2003. Recife, 2003.
- OI FUTURO. *Brígida Baltar: o que é preciso para voar..* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.
- RANCIÈRE, Jaques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e arte do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. -4ª ed. -. São Paulo: Paulus, 2010.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. - 23.ed. rev. e atual-. São Paulo: Cortez, 2007.
- WANNER, . Maria Celeste de Almeida. *Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas*. Salvador, EDUFBA, 2010.
- WERNECK, Sylvia. *De dentro para fora a memória do local no mundo*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2011.

Webgrafia

ARAÚJO, Virgínia Gil. As Intervenções Urbanas do Arte Construtora. In: Revista ARS, v. 1, n. 2 (2003). São Paulo. Universidade Estadual de São Paulo, 2003. - p. 73-74. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/2913/3603> Acesso em 28 mai. 2015.

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE. *Biblioteca*. Disponível em: <http://eavparquelage.rj.gov.br/biblioteca/> Acesso em 23 mai. 2015.

GALERIA NARA ROESLER. *Brígida Baltar na Galeria Nara Roesler*. São Paulo: Galeria Nara Roesler, 2012. Disponível em: http://www.nararoesler.com.br/usr/documents/exhibitions/press_release_url/37/brigida-baltar-nara-roesler-release.pdf Acesso em: 03 jun. 2015.

----- . *Portfólio de Brígida Baltar*. s/d Disponível em: <http://www.nararoesler.com.br/usr/library/documents/main/34/portfolio-gnr-bri-gida-baltar-webres.pdf> Acesso em 23 mai. 2015.

PORTIFÓLIO, Revista digital da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. *O lugar da inspiração*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado da cultura do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://revistaportfolioeav.rj.gov.br/edicoes/01/?p=59> Acesso em 03 jun. 2015.